

LEITURA E ESCRITA NA WEB

Ana Cristina Lima Santos Barbosa*

Resumo: Este artigo aborda as características dos textos da Web, que configuram estilos próprios de leitura e escrita. Inicialmente é discutida a articulação da comunicação com o conhecimento, desde as culturas orais até a cibercultura. Em seguida é apresentada a escrita informal das comunicações mediadas por computador. Finalmente são abordados os estilos de escrita e forma de leitura dos textos em páginas Web, a partir da linguagem hipertextual do meio digital. Do exposto, infere-se a necessidade do resgate da leitura e da escrita, negligenciados pela cultura audiovisual, e da desmistificação da morte do livro.

Palavras-chave: leitura; escrita; Internet; cultura digital.

1 INTRODUÇÃO

A revolução do computador pessoal e as alterações de concepção e utilização dos computadores e das redes eletrônicas evidenciam a vigência de uma nova cultura, marcada pela presença e o funcionamento de um sistema de redes interligadas.

Desde meados da década de 80, os microcomputadores atuam em rede e a possibilidade de transformar o processamento e armazenamento de dados centralizados em um sistema compartilhado e interativo mudou decisivamente a comunicação.

Em 1990, ano em que o Brasil se conecta à Internet¹, o *The World* fica *online* (world.std.com), se convertendo no primeiro provedor comercial de acesso

* Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (MG). Mestre e doutoranda em Educação pela USP. E-mail: <acs.barbosa@uol.com.br>.

¹ O Brasil estabeleceu as primeiras conexões com a rede internacional em 1988, controladas pela Fapesp – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – e LNCC – Laboratório Nacional de Computação Científica – localizado no Rio de Janeiro. A partir de 1990 foi implantada a RNP – Rede Nacional de Pesquisa – controlada pelo CNPq, com o objetivo de expandir a rede interacadêmica. Até então a Internet brasileira era quase exclusivamente acadêmica, contando com as ligações providenciadas por fundações de pesquisa e do LNCC. Em maio de 1995, o Ministério das Comunicações e o Ministério da Ciência e tecnologia lançaram uma nota conjunta, estimulando o surgimento de provedores privados de serviços Internet, visando ao atendimento das necessidades dos diversos segmentos da sociedade (FRANCO, 1997).

telefônico (*dial-up*) à Internet. Hoje, dezenas de milhões de pessoas em todo o mundo utilizam as telecomunicações por computador para aumentarem a sua capacidade de pensar e comunicar, tornando os computadores, segundo Rheingold (1996), como “amplificadores mentais”.

Há um reconhecimento crescente pelos autores e estudiosos que a Rede não é, somente, uma assembléia de *hardwares* operados através de *softwares*, unidos por cabos. Talvez o aspecto mais interessante da Rede é a nova cultura humana que está crescendo dentro de suas premissas. Cadeias diferentes, que usam tecnologias diferentes, desenvolveram sub-culturas diferentes. É o nascimento de uma nova cultura mundial conectada em Rede.

Pesquisadores estão despertos para os deslocamentos e mudanças do padrão de sociabilidade, e para o conseqüente redimensionamento do papel do homem e seu lugar no contexto fortemente alterado do século XXI.

No cenário mundial impulsionado pela indústria eletrônica e de telecomunicações, o processo de construção e de articulação do pensamento quando indivíduos interagem em rede incitam à reflexão para a existência de uma nova lógica de compreensão do mundo e de apropriação dos conhecimentos.

Mediadas pela comunicação, “as culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico” (CASTELLS, 1999, p. 354). Sendo a linguagem o instrumento de memória e de propagação das representações que a humanidade possui, e o conhecimento dependente do uso das tecnologias intelectuais, compreender o lugar fundamental das tecnologias da comunicação e da inteligência na história cultural consiste em analisar, previamente, a mutação contemporânea da relação dos dispositivos materiais socio-técnicos com o saber.

2 ARTICULAÇÃO DOS SABERES DA CIBERCULTURA

Na cultura oral, quase toda a estrutura cultural estava fundada sobre as lembranças dos indivíduos, associada ao manejo da linguagem. A transmissão da história se dava através das narrativas orais: o narrador relatava as experiências passadas a ouvintes que participavam do mesmo contexto comunicacional. As mensagens trocadas estavam disponíveis somente aos interlocutores e tinham

duração transitória, enquanto durava a memória de seu conteúdo. Para reter e recuperar o pensamento articulado, a experiência era intelectualizada mnemonicamente através de padrões moldados para uma pronta repetição oral. O conhecimento, uma vez adquirido, devia ser constantemente repetido. O saber e a inteligência praticamente se identificavam com a memória e o mito funcionava como estratégia para garantir a preservação de crenças e valores.

A escrita inaugurou uma segunda etapa na história humana. Com ela, mudaram as relações entre o indivíduo e a memória social. Com a escrita, as palavras se encerram num campo visual e a nova maneira de estocar conhecimento não se verifica por intermédio de fórmulas mnemônicas, mas no texto escrito, que relativiza o papel da memória como um auxiliar cognitivo situado fora do sujeito. O saber está lá, disponível, consultável, definitivamente preservado. A memória separa-se do sujeito ou da comunidade tomada como um todo. A memória da cultura escrita já não cabe apenas no conto: ela é constituída de documentos, vestígios, registros históricos, datas e arquivos. A inteligência deixa de ser associada à memória para ser a prática da razão, da capacidade de relacionar termos. Em vez do horizonte de eterno retorno das narrativas orais, a escrita estabelece no texto o sentido de linearidade e continuidade fora da mente. A partir do momento em que a tarefa da memória não mais se refere somente às lembranças humanas, a encenação da ação cede lugar, em parte, a disposições “sistemáticas”. O texto une fisicamente tudo o que contém e permite recuperar qualquer tipo de organização de pensamento. À lógica da justaposição, própria da oralidade, contrapõe-se a lógica do encadeamento. Tudo passa a estar inscrito numa cronologia. Como o texto encontra-se isolado das condições particulares de sua criação e recepção, as culturas escritas passam a construir discursos que bastem a si mesmos: o registro das experiências e das hipóteses, o conhecimento especulativo, o documentário de comprovações, a compilação de teorias e paradigmas. A ambição teórica será a construção de enunciados que falem por si mesmos, sem a necessidade de mediadores ou intérpretes. A escrita dá impulso às estruturas normativas e desempenha um papel fundamental na constituição do discurso científico.

A impressão transformou profundamente o modo de transmissão dos textos. Os antigos manuscritos imitavam a comunicação oral – perguntas e respostas, discussões contra e a favor – organizavam-se ao redor do comentário de um grande texto ou propunham trechos selecionados e compilações. Foi

somente a partir do século XVI que generalizam-se as apresentações sistemáticas de uma “matéria” espacializada, dividida de acordo com um plano coerente: paginação regular, sumário, cabeçalhos aparentes, índice, uso freqüente de tabelas, esquemas e diagramas. Uma vez bem interiorizada a impressão, o livro é percebido mais como uma espécie de objeto que “contém” informação científica do que como, anteriormente, uma elocução registrada. A verdade está nos livros impressos não como objeto de decifração, mas como lugar de acumulação do saber. A impressão sugere que as palavras são coisas e que o material do qual o texto trata é, analogamente, completo ou coerente em si mesmo, provocando uma sensação de fechamento, uma sensação de que o que se encontra em um texto foi finalizado, atingiu um estado de completude. A cultura impressa tende a perceber uma obra como separada das outras obras, uma unidade em si mesma, dando origem às noções românticas de “originalidade” e “criatividade”, que separaram mais ainda uma obra individual das outras obras, vendo suas origens e seus significados como independentes da influência exterior. O alfabeto e a impressão, aperfeiçoamentos da escrita, desempenharam um papel essencial no estabelecimento da ciência como modo de conhecimento dominante. Ao oferecer novas possibilidades de recombinação e de associações em uma rede de textos incomparavelmente mais extensa e disponível do que no tempo dos manuscritos, a impressão estimulou e tornou possível em grande escala a quantificação do conhecimento.

A cultura audiovisual teve sua revanche histórica no século XX. A tecnologia elétrica parece favorecer a palavra falada, inclusiva e participacional, e não a palavra escrita especializada, afetando consideravelmente nossos valores. A difusão da televisão representou o fim de um sistema de comunicação essencialmente dominado pela mente tipográfica e pela ordem do alfabeto fonético. A TV se tornou o modo predominante de comunicação, um meio novo caracterizado pela estimulação sensorial. A imagem da TV exige que, a cada instante, “fechemos” os espaços da trama por meio de uma participação convulsiva e sensorial que é profundamente cinética e tátil, envolvendo todos os nossos sentidos em profunda inter-relação. Dessa forma, ao incentivar a criação de estruturas em profundidade no mundo da arte e do entretenimento, criando, ao mesmo tempo um profundo envolvimento da audiência, a TV mudou nossa vida sensória e nossos processos mentais. Kerckhove (1997) aprofunda essa reflexão ao afirmar que “a televisão fala, em primeiro lugar, ao corpo e não à mente” (p. 38). Segundo o autor, a tela

do vídeo tem um impacto tão direto sobre nosso sistema nervoso e nossas emoções, que o indivíduo age e reage de forma crescentemente fisiológica, tornando-se vulnerável e suscetível à sedução multissensorial. Dessa forma, a TV desafia nossa outrora dominante e literária forma de pensar, substituindo-a pela oralidade, tátil e coletiva. Presas nas garras do “ponto de vista” e do hábito de abordar uma coisa de cada vez, as sociedades altamente letradas se desconcertam quando se defrontam com novas estruturas de opinião e sentimento resultantes da informação instantânea e global. Diferentemente das acelerações mecânicas que davam margem à manifestação seqüencial, a nova tecnologia elétrica exige o processamento instantâneo do conhecimento mediante uma interação, onde todas as espécies de impressões e experiências se intercambiam e se traduzem, permitindo-nos reagir ao mundo como um todo. Babin e Kouloumdjian (1989) observam que, diferentemente da linguagem escrita, que desenvolve mais o espírito de análise, de rigor e de abstração, a linguagem audiovisual treina múltiplas atitudes perceptivas, constantemente solicita a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo. Dessa forma, sem afetividade não há audiovisual. Ao contrário de matar a imaginação, os autores acreditam que a livre profusão de imagens, tal como nos fornece hoje o cinema, a televisão e a publicidade, estimula forças imaginantes. Somente quando a imagem é imposta, intelectualizada e estereotipada ocorre o bloqueio da imaginação. Chamados ao emprego simultâneo de nossas faculdades, somos “ameaçados” por uma libertação que põe à prova nossos recursos internos de auto-emprego e de participação imaginativa na sociedade. Passamos a ser nômades à cata de conhecimentos – nômades e informados como nunca do especialismo fragmentário, mas envolvidos no processo social total (McLUHAN, 1998).

Atingindo todas as técnicas de comunicação e de processamento de informações, a digitalização conecta o cinema, o rádio, a televisão, o jornalismo, a música, as telecomunicações e a informática, tornando-se determinante para a evolução cultural e as atividades cognitivas. A gradual convergência da tecnologia de informação e comunicação para um sistema digital comum de transmissão, processamento e armazenamento está criando um novo cenário técnico em que a informação pode se converter rapidamente e com relativa facilidade em diferentes formas, com maior flexibilidade, tanto no seu manuseio quanto na sua transmissão. “O suporte da informação torna-se infinitamente leve, móvel, maleável, inquebrável” (LÉVY, 1995, p. 102). A artificialidade do conceito de livro como uma obra

acabada quando da sua publicação, é resolvida pelo hipertexto digital, por sua característica de obra em aberto, devido à ausência de um suporte definitivo, que pode sempre ser retocado. Se a escrita desenvolveu o ressentimento contra o plágio e a tipografia tornou a palavra um bem material, resguardada pelas modernas leis de direitos autorais a partir do século XVIII, a nova escrita hipertextual ou multimídia, ao inventar novas estruturas discursivas onde a significação é resultado da associação entre som e o movimento, necessita, agora, de uma equipe de autores. A invenção científica moderna traduz-se como um trabalho cada vez mais coletivo. Com a evolução das formas eletrônicas de transmissão de sinais, o acesso à informação por meios informáticos torna-se cada vez mais natural ao homem comum. A interação perdeu seu caráter imediato e se libertou do ambiente físico. Cada vez mais os indivíduos preferem buscar informação em outras fontes do que nas pessoas com quem interagem diretamente no dia-a-dia. Conectado a outras novas técnicas de telecomunicação, o instrumento informático permite a criação, a circulação e a estocagem de uma imensa massa de informações, antes monopolizadas por uma pequena elite de trabalhadores intelectuais.

O estoque e a conservação do saber, entretanto, não são a preocupação maior da informatização, apesar das suas incomensuráveis possibilidades materiais de armazenamento. Lévy acentua que, acreditar que a informática dá continuidade ao trabalho de acumulação e de conservação realizado pela escrita graças, por exemplo, aos bancos de dados, seria desconhecer as principais finalidades da maior parte dos bancos de dados. Segundo o autor, esses “são antes espelhos do que memórias”, uma vez que não contêm todos os conhecimentos verdadeiros sobre um assunto, mas sim o conjunto do saber utilizável. Seu conteúdo é usado, mas não é lido no sentido próprio da palavra. Enquanto nas culturas orais a memória fundia-se com o coletivo humano por não dispor de quase nenhuma técnica de armazenamento exterior, e nas culturas escritas o conhecimento podia ser em parte separado da identidade das pessoas, exigindo uma verdade crítica, o saber informatizado pode ser recomposto, multiplicado, modificado à vontade. O que importa não é conservar o saber, mas sim, evoluir incessantemente a partir do conhecimento que esse saber informatizado disponibiliza. As teorias cedem lugar aos modelos, que não são nem verdadeiros, nem falsos, nem mesmo testáveis. Serão apenas mais ou menos úteis, mais ou menos eficazes ou pertinentes em relação a este ou aquele objetivo específico.

Lévy acrescenta que o modelo digital, por sua característica operacional, não deve ser lido ou interpretado como um texto clássico, e sim, explorado de

forma interativa. Com dispositivos aptos a conectarem-se cada vez melhor aos módulos cognitivos e sensoriais dos usuários, múltiplos modos de interação (reconhecimento parcial da fala, síntese vocal, telas táteis, mesas digitalizadoras para desenho ou escrita à mão, comandos através do movimento dos olhos, comandos da voz ou gestos da mão...) possibilitam a ação mútua e simultânea de usuários e sistemas. Ao manipular parâmetros e simular situações, o usuário de um programa adquire um conhecimento por simulação do sistema modelado, que funciona como um módulo externo e suplementar para a faculdade de imaginar. Como uma imaginação auxiliada por computador, a simulação remete a um aumento dos poderes da imaginação e da intuição. Dessa forma, a simulação corresponde às etapas da atividade intelectual anteriores à exposição racional: a imaginação, a bricolagem mental, as tentativas e erros. A ampliação da memória (banco de dados), imaginação (simulação), percepção (sensores digitais, realidades virtuais), raciocínio (inteligência artificial), pelas novas tecnologias intelectuais favorecem novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio e de conhecimento (LÉVY, 1999).

3 COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO MEDIADAS POR COMPUTADOR

Sem a presença visual da escrita, a comunicação nas culturas orais requer a presença e a proximidade entre os interlocutores. Na interação face a face, os participantes estão fisicamente presentes e partilham o mesmo conjunto referencial de espaço e de tempo. Para uma cultura oral, aprender ou saber significa atingir uma identificação íntima, conceituando e verbalizando todo o conhecimento com uma referência mais ou menos próxima ao cotidiano da vida humana. As técnicas transformam-se, as narrativas se alteram ao sabor das circunstâncias e tornam a transmissão sempre uma recriação, carregada de novos sentimentos e afetos.

Na cultura manuscrita e, portanto, na cultura inicial da impressão, a leitura costumava ser uma atividade social, uma pessoa lendo para outras em um grupo. Ao produzir livros menores e mais portáteis do que os que eram comuns na cultura manuscrita, a impressão preparava psicologicamente o cenário para a leitura solitária em um canto tranqüilo e, eventualmente, para uma leitura completamente silenciosa. Embora a leitura inicialmente, na maioria das vezes, fosse uma atividade partilhada, a escrita e a impressão são atividades solitárias. Ao

separar o conhecedor do conhecido, a escrita permite uma articulação crescente da introspecção.

Se no início do século ainda era comum a leitura em voz alta, na família ou em pequenos grupos, a cultura audiovisual passou a reunir as pessoas em volta dos aparelhos de rádio e de televisão. Essas novas formas de comunicação mediatizada muito contribuíram para recuperar a importância do mundo vocal, auditivo e mimético, que vinha sofrendo a repressão da palavra impressa. Combinados com o desempenho de tarefas domésticas, refeições familiares e interação social, os meios elétricos estão presentes em nossas vidas e vivemos em um ambiente audiovisual com o qual interagimos constante e automaticamente. Enquanto a cultura letrada incentivou um individualismo extremo, o rádio atuou num sentido exatamente inverso, ao fazer reviver a experiência ancestral de envolvimento tribal (McLUHAN, 1998). As sociedades orais geram um forte sentimento de grupo uma vez que, ao ouvir as palavras faladas, os ouvintes transformam-se em um verdadeiro público. Nas culturas escritas, a leitura de textos escritos ou impressos transforma esses ouvintes em indivíduos, fazendo com que se voltem para dentro de si. A cultura eletrônica dá sentido a grupos incomensuravelmente mais amplos do que os da cultura oral – a “aldeia global” de McLuhan. Segundo Ong (1998), com um espírito de grupo de modo autoconsciente e programático, o indivíduo sente que ele, como indivíduo, deve ser socialmente receptivo.

O conhecimento de tipo operacional fornecido pela informática constitui um novo tipo de temporalidade social em torno do “tempo real”. A disjunção entre o espaço e o tempo possibilitou a “simultaneidade não espacial” (THOMPSON, 1998). A experiência de simultaneidade, que pressupunha “o mesmo tempo” e “o mesmo lugar”, separou-se de seu condicionamento espacial. A simultaneidade ganhou mais espaço e se tornou global em seu alcance. O “aqui” e “agora” não se liga mais a um lugar específico, modelando nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal. Os horizontes espaciais de nossa compreensão se dilatam, uma vez que não precisamos estar presentes fisicamente aos lugares onde os fenômenos observados ocorrem. Hoje somos capazes de interagir com outros e observar pessoas e eventos sem sequer os encontrar no mesmo ambiente espaço-temporal. A capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar.

Ao intercalar um período de tempo entre a emissão e a recepção da mensagem, a escrita instaura uma nova situação prática de comunicação. Combinando a flexibilidade da interação humana com a independência no tempo e no espaço, sem perder velocidade, as redes de computadores oferecem possibilidades inéditas de interação mediatizada. De acordo com o tempo de demora entre o envio de mensagens e sua chegada ao destino, as comunicações mediadas por computador (CMC) resultam em modalidades síncronas – em tempo real, *on line*, como os *chats* – e assíncronas – *off line*, como os *e-mails* – restabelecendo o hábito do exercício da escrita.

A possibilidade de ir a qualquer parte do planeta sem sair do lugar modificou as formas de convivência, promovendo “relações intensas entre corpos ausentes” (PISCITELLI, 1995, p. 81). Em meio a um mundo de mudanças confusas e incontroladas, onde os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivo único, e efêmeros, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias – religiosas, étnicas, territoriais, nacionais – e “a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social” (*idem*, p. 23), criando comunidades virtuais.

Segundo Lewgoy & Arruda (2004) “nas imersões virtuais, rearticulamos, reestruturamos e transformamos as demais formas de linguagem² utilizadas até então. Desta forma, se a humanidade evoluiu passando por certas técnicas fundamentais de comunicação oral e escrita, chegando hoje aos computadores, foi porque construiu saberes, apoiando-se em tecnologias revolucionárias”.

Ao possibilitar o grande fluxo das mensagens e a distribuição da informação, tornando-a mais rápida e eficientemente acessível, as redes eletrônicas exigem novas formas de decisão e orientação. Na tentativa de acompanhar a velocidade do pensamento, a digitação instaura uma nova forma de expressão escrita, e a troca de mensagens é caracterizada por códigos digitais, resultando em abreviações vocabulares, supressão dos acentos ou dos sinais de pontuação, como os exemplos a seguir:

² No livro *As tecnologias da inteligência*, Lévy retoma as diferentes técnicas de comunicação utilizadas pelo homem ao longo da história. Foi através delas que atravessamos diferentes fases de desenvolvimento: a oral, a escrita e agora a digital.

vc = você **p/** = para **tb** = também **blz** = beleza **naum** = não
bjos = beijos **tc** = teclar **rsrs** = risos **trank** = tranqüilo **ateh** = até

A exatidão e “objetividade” na verbalização que tanto distanciaram a cultura escrita em relação ao envolvimento sentimental e emocional experimentado por um homem ou uma sociedade não-letrada é, agora, resgatado na escrita digital reconstruindo estreitos laços sociais virtuais. Inovando a simbologia da comunicação, internautas trocam mensagens, recorrendo aos botões convencionais do teclado e transformando símbolos gráficos em novos significantes para antigos significados (HENRIQUES, 2004), com o que se convencionou chamar no meio “internético” de **carinhas** ou **caracteretas** (caracteres + caretas) ou **emoticons** (*emotion + icons*). Os emoticons (MSN MESSENGER, 2004) são elementos gráficos que expressam emoções, ou seja, formas visuais de expressar seus sentimentos quando somente palavras não são suficientes. Eles devem ser “lidos deitados”, de modo que, por exemplo, os “:” representem os olhos, o “-” o nariz e o “)” ou o “(” a boca - e assim por diante; as variações são enormes. Emoticons são usados, em geral, nas mensagens trocadas entre amigos.

:-) ou :)	Sorriso	:-P ou :p	Mostrando a língua
:-O ou :o	Surpreso	:-(ou :(Triste
;-) ou ;) 	Piscando	:’(Chorando
:-S ou :s	Confuso	:-\$ ou :\$	Envergonhado
:- ou : 	Desapontado	:-@ ou :@	Bravo
:-#	Guardando segredo	8-)	Virando os olhos
:-*	Contando um segredo	l-)	Sonolento
<:o)	Festeiro	[]s	Abraços
}{s	Beijos	+o(Nauseado

A seguir, o diálogo entre dois bolsistas de projeto de iniciação científica de Curso de Graduação em Informática, durante o seu trabalho³, comunicando-se pelo MIRC:

[12:09pm] <xHiRoKAZu> Opa!
[12:09pm] <Kouji_Kun> opa, blz??
[12:09pm] <xHiRoKAZu> Blz cara e ae?
[12:09pm] <Kouji_Kun> tdu trunk
[12:09pm] <Kouji_Kun> qq ce ta arrumando??
[12:10pm] <xHiRoKAZu> To buscando uns animes e videos em fservers do mirc
[12:10pm] <xHiRoKAZu> e vc?
[12:10pm] <Kouji_Kun> tb
[12:10pm] <Kouji_Kun> to pegando uns aki ja
[12:10pm] <Kouji_Kun> =P
[12:10pm] <xHiRoKAZu> Os meus ainda nao começaram
[12:10pm] <xHiRoKAZu> =P
[12:10pm] <Kouji_Kun> foda
[12:11pm] <Kouji_Kun> o meus ja começaram mas taum tdu lento
[12:11pm] <Kouji_Kun> o kra deve ter conexaum ruim
[12:11pm] <xHiRoKAZu> mais um dial up da vida
[12:11pm] <Kouji_Kun> triste
[12:11pm] <Kouji_Kun> -_-''''
[12:12pm] <Kouji_Kun> qq vc ta pegando??
[12:12pm] <xHiRoKAZu> DNA² em portugues
[12:12pm] <xHiRoKAZu> e uns showzinhos dumas bandas massa aki

³ É uma prática muito comum entre esses alunos, navegar pela Internet, ouvir música, “conversar” em *chats*, enquanto estão trabalhando em seus projetos. É notável a sua capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, sem cair a qualidade de sua produção. A sua velocidade de pensamento parece acompanhar o ritmo do ciberespaço.

[12:12pm] <Kouji_Kun> ah ta
[12:12pm] <Kouji_Kun> eu to pegando Yuyu
[12:12pm] <Kouji_Kun> to seco atras de Yuyu e naum consigo em lugar nenhum
[12:13pm] <Kouji_Kun> so agora q to conseguindo
[12:13pm] <Kouji_Kun> tipo...
[12:13pm] <Kouji_Kun> se vc achar alguem ae que tem Yuyu, me avisa pf
[12:14pm] <Kouji_Kun> blz??
[12:16pm] <Kouji_Kun> blz????????????????????
[12:17pm] <xHiRoKAZu> blz

Esta é uma das maneiras usadas por um sem número de pessoas, que redigem mensagens eletrônicas pela Internet e trocam correspondência produzindo textos sobre os mais variados assuntos. A tradicional proposta de redação da cultura impressa encontra no ambiente virtual um novo espaço, caracterizado por um intercâmbio acelerativo e até vertiginoso, como no caso dos *chats*.

Usados nas conversações via Internet, tais “hieróglifos modernos” (HENRIQUES, 2004) - seja seu destino passageiro ou duradouro - interferem no uso da língua. Os internautas são escritores, ao seu jeito inovadores... Utilizam um laboratório de produção textual eletrônica, desenham palavras e constroem mensagens, comunicando-se de modo sofisticado e original.

É essencial que cada usuário reconheça a sua responsabilidade no acesso que tem aos diversos serviços, servidores, sistemas e pessoas na Internet. O usuário é responsável pelas suas ações no acesso aos serviços da Net.

A utilização da Rede é um privilégio e não um direito, ou seja, poderá ser recusado em qualquer altura devido a comportamento abusivo. Por comportamento abusivo entende-se a colocação de informação ilegal num sistema, a utilização abusiva de linguagem incorreta (susceptível de afetar terceiros, pela sua natureza) em mensagens públicas ou privadas, o envio de mensagens em larga escala para grupos de indivíduos que não as solicitaram – *spams*⁴ - ou outro tipo de abusos que possam interferir no trabalho de terceiros ou provoquem

a congestão das redes.

É uma tarefa difícil, senão mesmo impossível, descrever com precisão o que é a *Netiqueta* (Net + etiqueta). Pode-se, isso sim, enumerar toda uma série de conselhos e regras que possibilitem ao utilizador familiarizar-se com este conceito. Antes de qualquer outra consideração, o melhor conselho que se poderá dar é: *utilize o seu bom senso*. A experiência demonstra que a comunicação por meios eletrônicos tem muitas das suas regras baseadas nas regras que nos permitem viver em sociedade.

Na comunicação pela Rede, a utilização de letras maiúsculas e minúsculas, por exemplo, é utilizada da mesma forma que na escrita comum. Cartas em papel não são escritas somente com letras maiúsculas; na Internet, escrever em maiúsculas é o mesmo que gritar – Fale, não GRITE! – Para enfatizar frases e palavras, usa-se os recursos de sublinhar (colocando palavras ou frases entre sublinhados) e *grifar* (palavras ou frases entre asteriscos). Frases em maiúsculas são aceitáveis em títulos e ênfases ou avisos urgentes. É uma boa prática também, deixar linhas em branco entre parágrafos ou blocos de texto. Dessa forma, o texto fica organizado e mais fácil de ler, mesmo que a mensagem seja longa.

Muitas são as regras de comportamento na Web e podem ser acessadas facilmente em diversos *sites* da Web, usando os mecanismos de busca. Vale registrar, entretanto, os 10 mandamentos do *Instituto da Ética da Internet*⁵, que trazem resumidamente os principais tópicos de ética no ciberespaço.

01. Não deverá utilizar o computador para prejudicar terceiros.
02. Não deverá interferir com o trabalho informático de terceiros.
03. Não deverá vasculhar os arquivos informáticos de terceiros.
04. Não deverá utilizar o computador para roubar.
05. Não deverá utilizar o computador para prestar falsos testemunhos.
06. Não deverá utilizar ou copiar software pelo qual não pagou.
07. Não deverá utilizar os recursos informáticos de terceiros sem autorização.
08. Não deverá apropriar-se do trabalho intelectual de terceiros.

⁴ *Spam* é o termo pelo qual é comumente conhecido o envio, a uma grande quantidade de pessoas de uma vez, de mensagens eletrônicas, geralmente com cunho publicitário, mas não exclusivamente. O spam também é conhecido pela sigla inglesa UCE (*Unsolicited Commercial Email*, ou mensagem comercial não-solicitada).

⁵ A tradução para o português e adaptação é de António Ferreira Esoterica, janeiro 1996. Disponível em www.iscte.pt/ForaDaVersao/Pacotes/Netiqueta.site/ver.1/

09. Deverá pensar nas conseqüências sociais daquilo que escreve.
10. Deverá utilizar o computador com respeito e consideração por terceiros.

4 LEITURA E ESCRITA NA WEB

Computadores são a transformação cultural da década em que vivemos. O mundo já viu sua cultura oral transformar-se em uma cultura impressa, com a invenção da prensa de Gutenberg. Agora, vê a cultura impressa transformar-se em uma cultura digital. Essa mudança altera a maneira com que as pessoas se organizam perante a informação e seu manuseio.

Na sociedade informático-mediática nascem novas formas de ler, escrever, pensar e aprender. O ciberespaço mistura noções antes entendidas separadamente. Mistura as noções de unidade, de identidade e de localização.

A hipertextualidade, não como apenas um mero produto da tecnologia, mas um modelo relacionado com as formas de produzir e de organizar o conhecimento, substitui sistemas conceituais fundados nas idéias de margem, hierarquia, linearidade, por outros de multilinearidade, nós, *links* e redes. As redes digitais desterritorializaram o texto, fazendo emergir um texto que não tem fronteiras rígidas e não há mais um *texto* mas texto em movimento, sempre em mudança.

4.1 O Hipertexto

A crescente produção de conhecimento e de como ele poderia ser armazenado e organizado de modo a ser achado com rapidez e eficácia, quando necessário, levou o cientista americano Vannevar Bush - diretor do Escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos Estados Unidos durante a 2ª Guerra Mundial – a idealizar o MEMEX (*Memory Extension*), uma máquina capaz de armazenar grandes quantidades de informações e que ficou conhecida como a precursora da idéia de hipertexto. O MEMEX poderia armazenar diversos tipos de materiais, incluindo notas manuscritas, registros datilográficos e fotos. Uma “indexação associativa” criaria e manteria *links* entre itens para facilitar a localização e correlacionamento das informações. O sistema seria composto por uma grande mesa com um sistema de armazenamento de microfilmes operado por alavancas, e o resultado mostrado em apenas uma tela (BUSH, 1945).

Em 1960, Theodor Holm Nelson teorizou um sistema de base de dados e nomeou-o *Xanadu Docuverse*, considerado a idéia precursora da mídia Web. A idéia baseava-se em uma espécie de biblioteca universal virtual onde qualquer um poderia navegar, a partir de textos com vínculos (hipertextos), e pegar livros, enciclopédias, revistas, jornais e imagens.

Tim Berners-Lee colocou em prática os pensamentos de seus antecessores para propor seu modelo da Web mais próxima da forma como conhecemos hoje.

O hipertexto é uma técnica de armazenamento e apresentação da informação baseada num sistema de referências cruzadas que formam uma rede de associações (à semelhança da forma como se processa o pensamento humano, baseado em associações de idéias num percurso não seqüencial) que ligam texto, imagens, sons e ações, permitindo ao utilizador procurar e encontrar itens relacionados e circular entre eles facilmente, ativando palavras-chave que dão acesso a outros documentos.

O hipertexto é usado praticamente em todos os *sites* disponíveis na Internet, fornecendo uma maneira de se explorar grandes conteúdos textuais em espaços (telas) reduzidos. O hipertexto pode ser visto como um dos maiores recursos das mídias interativas uma vez que, a grande maioria das visitas aos *sites* existentes na internet tem como objetivo a busca da informação. Essa informação, muitas vezes de grande extensão, só pode estar presente na Internet por meio do hipertexto, que a descentraliza em diversos fragmentos de textos menores interligados por *links* eletrônicos, o famoso “clique aqui para saber mais”.

4.2 Novas formas de ler, de escrever, de acesso à informação e de produção de conhecimento

Grandes mudanças ocorrem na leitura e na escrita quando são utilizados recursos de hipertexto. Este tipo de composição que faz uso de diferentes recursos tecnológicos (hipertexto e multimídia) para apresentação da informação, coloca a língua – falada, escrita e iconográfica – num contexto muito mais rico do que um ensaio escrito pode proporcionar.

Na leitura de Ramal (2004) o hipertexto subverte a linearidade, o monologismo, a noção de autor e leitor, a forma e, até mesmo, a postura física do leitor.

Segundo Mendes (2004) “o hipertexto, como conceito, é uma alternativa a uma linearidade rígida e autoritativa dos textos - e dos seus discursos - convencionais. Pelo meio da leitura o leitor, co-participante da construção do texto, tem à sua disposição um grande número de opções. A partir destas é-lhe possível sair do bloco textual que lia e selecionar novos espaços de escrita e de leitura. Em tempo imediato em simultaneidade”.

O hipertexto é, de certo modo, uma versão do dialogismo⁶ de Bakhtin. Clark e Holquist (1998) indicam que “o ponto de vista bakhtiniano é que eu *posso* significar o que eu digo, mas só indiretamente, num segundo passo, em palavras que tomo da comunidade e lhe devolvo conforme os protocolos que ela observa. Minha voz pode significar, mas somente com outros – às vezes em coro, porém o mais das vezes em diálogo” (p. 39).

Com o cursor do mouse permanentemente presente no texto do monitor, como um sinal concreto de que, no momento em que desejarmos, poderemos invadi-lo, reescrever seus caminhos, optar por outras vias, o hipertexto é construído por muitas mãos, e aberto para todos os *links* e sentidos possíveis. O hipertexto possibilita, desta forma, a escrita coletiva, um tipo de texto que permite colaboração e revisão dinâmica.

Para Lévy (1996) é no hipertexto que o leitor/usuário pode realmente se fazer autor porque ele não percorre uma rede pré-estabelecida, mas cria sempre novas ligações criando a sua própria rede. Assim, a leitura e a escrita trocam seus papéis. Ao estruturar um hipertexto toda leitura torna-se também um ato de escrita. Acabando com a distinção entre ler e escrever, definindo o autor sempre como produtor e consumidor de informações textuais, o hipertexto subverte a relação entre autor e leitor.

Com a possibilidade de articular imagens, palavras e sons, o hipertexto amplia os recursos expressivos do texto escrito. Imagem e som ganham o status de “linguagem” e invadem o espaço do significante escrito para tornar-se, também,

⁶ Rechdan (2004) adverte que “o dialogismo não deve ser confundido com polifonia, porque aquele é o princípio dialógico constitutivo da linguagem e esta se caracteriza por *vozes polêmicas* em um discurso”. O sentido da enunciação não está no indivíduo, nem na palavra e nem nos interlocutores; é o efeito da interação entre o locutor e o receptor, produzido por meio de signos lingüísticos. Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.

novos textos, concebidos com diferentes modelos e igualmente relevantes para a comunicação social.

Do livro de rolo, que não permitia ler, comparar e fazer anotações ao mesmo tempo, já que o leitor devia segurá-lo com ambas as mãos para poder correr o texto, ao livro encadernado, que permite virar as páginas, mas sempre em seqüência, uma após outra (e nunca uma e outra), passamos a um texto totalmente maleável. Um outro tipo de materialidade que nos permite a visibilidade das janelas, a abertura das múltiplas caixas de texto, os recursos de cortar e colar fragmentos, a infinidade de dobras caleidoscópicas. Muda a relação com o objeto: o texto não é mais algo palpável, mas feito de *bites*, e ocupam um espaço difícil de definir ou imaginar. Essas informações digitais são provisórias e plásticas. Obedecem a um ritmo específico de pertinência imediata e de obsolescência acelerada. A informatização instaura, como prevê Pierre Lévy, um novo regime de circulação e de metamorfose das representações e dos conhecimentos.

4.3 Ler na Web

O *webdesigner* Jeffrey Zeldman (2003) separou a audiência da Internet em três categorias: os *usuários*, que vão para a Web procurando informações com fins específicos; os *espectadores*, que procuram entretenimento (*sites* de áudio, gráficos interessantes, informação surpreendente); e os *leitores*, que realmente lêem os textos que encontram nos *Web sites*.

Jakob Nielsen, engenheiro, ex-guru da *Sun Microsystems* e pesquisador americano, tem desenvolvido estudos a respeito de *webwriting* (redação para a Web) e usabilidade (facilidade que tem um recurso de computador para ser usado). Entre 1994 e 1997, ele e seu parceiro de pesquisas, John Morkes, desenvolveram três estudos (MORMORKES e NIELSEN, 1997) sobre como efetivamente aproveitar a mídia binária de maneira satisfatória. Nielsen (2000) classifica os leitores da Web como “*scanners* à procura de informação”⁷. Intrigado para descobrir de que forma as pessoas lêem na Web, ele concluiu, após realizar suas pesquisas, que “eles não lêem”. Seus estudos indicaram que 79% dos leitores

⁷ Analogia ao *scanner* (leitor ótico), dispositivo de *hardware* interpretador de códigos de barras, dotado de softwares para decodificação de diferentes simbologias. O scanner esquadrinha (do inglês, *scan*) as imagens e envia os dados para o computador. Mais adiante o computador processa os dados de imagem que podem ser armazenados, enviados ou impressos fora.

da Web passam os olhos pelas páginas, lêem palavras-chaves soltas e algumas frases. Apenas 16% dos leitores lêem palavra por palavra o texto. Isso significa que, ao escrever um texto para a Internet, o texto deve ser “escaneável”, de fácil e rápida compreensão.

Um texto que, em parte ou no todo, necessite de uma segunda leitura para ser assimilado é um convite à desistência. Mas a concisão não é, aqui, um valor absoluto: períodos demasiadamente curtos e um vocabulário limitado favorecem a monotonia e desmobilizam o leitor.

a) Leitura “escaneável”

Os textos da Web, em geral, são pragmáticos (textos não-literários), isto é, desempenham funções específicas, cujos objetivos são bem claros. Apresentam-se fundamentalmente em situações funcionais de leitura como textos acadêmicos, jornalísticos, didáticos, listas, relatórios, resumos, etc.

Segundo Siqueira (2003), “o leitor eficiente tem sempre um objetivo ao ler um texto pragmático e recorre a diferentes procedimentos para compreender o que está lendo”. De acordo com a prática de leitura do sujeito e com a familiaridade relativa ao material escrito, pode-se considerar dois tipos de processamento da leitura: a leitura ascendente ou *bottom-up*, e a leitura descendente ou *top-down*.

Na leitura ascendente ou *bottom-up*, o indivíduo opera a leitura letra a letra, sílaba a sílaba, por meio de um processo analítico-sintético, que se apoiará, segundo se crê, essencialmente nas regras de conversão grafema-fonema. Este será igualmente o tipo de leitura utilizado por aquele sujeito que se depara com uma ou outra palavra não familiar que o faz recorrer de novo ao processo elementar de leitura (KATO, 1985). Neste modo de ler, o objetivo é a compreensão dos pormenores, é uma leitura detalhada, atenta com menor velocidade para que os dados do texto possam guiar a leitura.

A leitura descendente ou *top-down* trata-se de uma leitura quase *não-visual*, uma vez que o sujeito tira partido de poucas pistas visuais para atingir o sentido do item em presença. O sujeito recorre, sobretudo, como refere M. Kato (op. cit., p. 42), ao seu léxico mental, a regras fonotáticas, decomposição grafêmica e de formação de palavras. Este tipo de leitura convida a adivinhar, a deduzir. Para uma confirmação, se ela for necessária, terá o leitor de recorrer ao processo

ascendente, processo que este utilizará sempre que não fizer sentido aquilo que está lendo, ou sempre que esteja perante materiais novos, desconhecidos. Neste modo de ler, o objetivo é a compreensão geral, um sobrevôo rápido pelo texto dirigido pelos conhecimentos prévios do leitor em que prevalecem as suas próprias expectativas.

Não se exclui, porém, a possibilidade de algum desses processos ser mais característico de uns sujeitos do que de outros e como tal se vejam anuladas ou neutralizadas de certo modo a prática de leitura e a familiaridade com o material em presença.

O leitor proficiente, de acordo com M. Kato, utilizará esses dois processos complementarmente, uma vez que já tem prática suficiente para poder operar inferências e uma vez que acabará quase sempre por deparar com material desconhecido. Para a autora, será o tipo de leitor para quem esses dois processos se encontram disponíveis e a sua escolha representará uma “estratégia metacognitiva” que lhe permite controlar o seu próprio comportamento, enquanto leitor. Siqueira (2003) reitera que o leitor proficiente dificilmente aborda o texto pela leitura *bottom-up*, sendo a leitura *top-down* fundamental para ele. É o momento em que percebe a informação como um todo.

Pelo exposto infere-se que a leitura “escaneável” citada por Nielsen refere-se à leitura *top-down*. Não significa que o leitor da Web “não lê”, mas sim que ele efetua um sobrevôo pelo texto, com o objetivo de uma compreensão geral. Em função de seu interesse ou de suas necessidades, ele recorrerá ao processo de leitura *bottom-up*.

b) Meios impressos vs. meios eletrônicos

A partir da década de 90, os meios impressos e eletrônicos foram confrontados em inúmeras pesquisas. O modo mais elementar de ler na tela é semelhante aos antigos rolos: há rolagem da tela. Nos sistemas não sequenciais como o hipertexto, em que se baseia a Internet, *links* em uma tela remetem a outra tela e assim sucessivamente.

Verifica-se que a maioria dos usuários prefere imprimir o texto antes de ler quando este contém mais de três páginas e, especialmente se houver necessidade de estudá-lo. Isto porque leitores eficientes costumam escrever na margem do texto, grifar ou mesmo transportar o texto para ser relido em algum lugar ou

momento oportuno. Os atuais recursos tecnológicos não estão suprimindo essas necessidades, comuns na leitura *bottom-up*.

O *e-book device*⁸ foi criado para simular um livro quanto ao tamanho e à forma, sendo possível lê-lo deitado ou, mesmo, inserir anotações utilizando uma caneta especial. Entretanto, o custo do *e-book* em relação ao livro impresso ainda é muito alto e são textos literários, em geral, que estão no momento disponíveis para o livro eletrônico.

Há que se considerar também a relação entre a leitura eficiente e o grau de contato com determinada tecnologia, determinada em parte pela frequência de uso do meio e o desenvolvimento das novas habilidades por ele requeridas.

Destaca-se, finalmente, o gênero do texto. A facilidade de leitura de notícias na tela do computador é maior do que no jornal impresso, ainda mais ao se levar em conta a rapidez com que elas são atualizadas. Com relação ao texto acadêmico, mais longo, o meio impresso ainda oferece mais opções para as anotações e as diversas releituras, que auxiliam a construção do conhecimento e viabilizam a aprendizagem (SIQUEIRA, 2003).

c) Dificuldade de leitura na tela

As pessoas podem não perceber, mas a resolução de um monitor de computador é desagradável para a leitura. Os monitores atuais podem parecer límpidos e claros, quando comparados com os monitores da metade da década de oitenta, cujas telas eram pretas e as fontes verdes. Mas quando se compara o texto na tela em relação a um texto impresso por uma impressora laser, ficará evidente que a tela ainda não é um meio facilitador da leitura tanto quanto o papel.

⁸ E-book Devices são aparelhos feitos especialmente para a leitura e armazenamento de livros digitais, em que é possível carregar dezenas de e-books e visualizar o texto em telas do tamanho das páginas de um livro normal, além de contar com ferramentas de procura e destaque de trechos do texto, por exemplo. Um dos mais conhecidos é o *Rocket eBook*, que tem o tamanho de um livro tradicional, com 19 centímetros de altura por 12 de largura e pesa 650 gramas. O aparelhinho armazena até 4 mil páginas, ou cerca de 12 romances de tamanho médio. Além disso, conta com luminosidade ajustável, cerca de dois mil títulos gratuitos para serem baixados da Web e ferramentas para sublinhar e buscar palavras e frases no texto. A memória é de 32 MB e a bateria dura de 20 a 40 horas. Outros aparelhos populares são o *My Friend*, na Itália, e o *HieBook*, na Coreia. Com o primeiro, é possível navegar na Internet, enviar e receber e-mails, ouvir arquivos WAV e MP3 e fazer anotações pessoais, além, claro, de armazenar até 80 livros digitais. O modelo coreano também toca MP3 e possui ferramentas de organização pessoal.

O monitor do computador emite luz, o papel absorve. A partir daí começam muitas diferenças!

Mormorkes e Nielsen (1997) perceberam que a leitura na tela é 25% mais lenta do que a leitura no papel. Entre usuários que desconheciam esse dado, os pesquisadores perceberam que eles sentiam-se desconfortáveis quando liam grandes textos no computador. Dessa forma, Nielsen adverte que, para compensar as dificuldades, o texto na Internet não deve ser apenas 25% mais curto, pois não se trata apenas de uma questão de velocidade de leitura. O texto deve ser 50% mais curto do que seria para o papel, já que o objetivo passa a ser fazer o usuário sentir-se bem.

Estudos adaptados à estrutura da língua portuguesa (PÚBLICO, 1998) demonstram que a capacidade de memorização imediata de uma pessoa média é limitada a um máximo de 40 palavras por frase; por outro lado, temas abstratos ou com vocabulário rebuscado dificultam a leitura e a compreensão.

Só uma minoria de leitores consegue manter a atenção ao longo de um texto com mais de 450 palavras (cerca de 2500 caracteres). Qualquer peça com mais de 5000 caracteres perde parte da sua eficácia. Por isso, quando um texto ultrapassar os 7000 caracteres, é aconselhável “partir” o assunto por outro(s) texto(s) mais curto(s), tipo “caixa(s)”.

Em suas pesquisas de 1997, Nielsen concluiu também que os usuários demonstraram forte preferência para clicar em *links* para seguir à leitura, em vez de utilizar a barra de rolagem para seguir em um texto na Internet. Isso representa mais um motivo para que os redatores mantenham as páginas curtas, com pouco texto.

Em seu livro *Writing for the Web*, um guia para a redação na Internet, publicado em abril de 1999, Crawford Kilian compara o ato de leitura de um texto na tela de um computador, com uma pessoa que resolve ler um livro segurando-o reto em frente aos olhos. “O leitor não se sentirá natural porque não é natural”, diz. “É muito melhor ler com o livro no colo ou em uma mesa mais baixa que os olhos”.

Para melhorar a leitura de um texto no computador, o redator deve procurar deixá-lo com algum espaço livre em volta, mesmo que isso signifique limitação para o tamanho do texto. “Amplas margens de cada lado dão alívio aos

olhos dos leitores”, acredita Kilian. Enquanto essa maneira significa um problema, pois o texto pode ocupar mais espaço vertical e fazer com que o leitor tenha que lê-lo clicando na barra de rolagem, é importante salientar que a diminuição do comprimento das linhas faz o texto parecer mais agradável. “Por isso os jornais colocam seus textos em colunas estreitas”, compara o autor.

Cabe ressaltar que algumas fontes obtêm melhores resultados que outras, no que se refere à facilitação da leitura. Com respeito ao *tempo de leitura*, verifica-se que as fontes **Times New Roman** e **Arial tamanho 12**, são as duas variáveis que obtêm melhores resultados. Do ponto de vista da *facilidade de leitura*, a fonte que apresenta melhores resultados é a **Tahoma tamanho 10**. No entanto, considerando os diferentes tamanhos de letras e, numa apreciação geral, constata-se que a **Arial** e a **Courier** são as que obtêm melhores performances enquanto que a **Comic** é a fonte que se apresenta como a mais ilegível. Não deixa de ser curioso referir que a maioria das pessoas prefere geralmente a fonte **Verdana** enquanto que a menos apreciada é a **Times New Roman**. Neste campo, e considerando também o tamanho, a preferência dos utilizadores vai para a fonte **Verdana tamanho 10**. Outro fator a considerar relaciona-se com o fato de os mais idosos, bem como as crianças, preferirem letras com um tamanho mais alargado e fontes do tipo, **Serif**.

Por fim, há que salientar a importância da escolha do *Background* (figuras de fundo ou “papel de parede”) e das cores. Estas duas variáveis têm também influência na facilidade de leitura do texto e a sua escolha requer algum cuidado. É necessário que haja um contraste suficiente entre as cores do *background* e as do texto. No entanto, é aconselhado que se utilizem caracteres escuros num fundo branco, já que produzem melhores resultados. Estudos feitos mostram que a melhor forma para atingir uma maior facilidade de leitura consiste no tradicional fundo branco e letras pretas. No entanto, a maioria dos *Web sites* não apresenta esta forma, optando por uma coloração diferente do seu *background*, de forma a reduzir a luminosidade e o brilho associados a fundos brancos. Por último, basta referir que quanto maior for a textura do background, maior deverá ser o contraste entre este e o texto (ISCTE, 2004).

4.4 Escrever para Web

Apesar de ter sofrido influência da linguagem dos meios de comunicação tradicionais, o texto na Web, e seus respectivos elementos, já estão apresentando características próprias.

Não podemos escrever para a Web como o faríamos para o meio impresso. Entretanto, a não linearidade do espaço hipermídia da WWW, nos permite explorar novas formas de redação.

a) Redação impressa vs. redação digital

Desde que aprendemos a ler, somos ensinados a nos movermos em um bloco de informação do começo até o final. Os artigos impressos são organizados de forma a não termos que tomar outras decisões enquanto lemos. Por isso, aprender na Web é difícil, principalmente porque os leitores não podem dedicar atenção completa à leitura. Ao invés disso, eles precisam tomar decisões constantemente - que texto ler, que *links* seguir, quando rolar uma página.

O desenvolvimento das estratégias de um *site* pode ser ajudado com algumas comparações com artigos impressos em papel. Para Tony Mckinley (1998),

[...] se tem de haver um único diferenciador entre os documentos em papel e os digitais, são os vínculos de hipertextos. Embora os vínculos sejam mantidos em notas de rodapé e referências convencionais, eles não apenas fazem referência a outro documento, como também oferecem um caminho instantâneo a esse outro documento. Esses vínculos automatizam os caminhos de consulta através da informação, possibilitando um estudo em ritmo de tempo real. Os usuários podem seguir sua inspiração para rapidamente captar idéias específicas em vastos mares de informação. (p.20)

Os artigos impressos geralmente iniciam com uma introdução ou um tópico que determina a direção que o conteúdo irá defender. Além disso, essa introdução mostra a importância do artigo e desperta o interesse do leitor.

A composição de uma abertura de *site* – a *home page* – pode ser pensada nos mesmos termos, já que situa o projeto (ou o motivo do *site*) para os leitores e indica os pontos que serão vistos.

Ao observarmos como são construídas as páginas de abertura de jornais na Internet, verificamos que elas têm um design que lembra a capa de um jornal impresso, com logotipo, data, manchetes, algumas fotos e *links*, anunciando o que leitor encontrará “dentro” do *site*.

Quando é produzido um artigo impresso, o autor pressupõe que ele será lido na ordem em que foi elaborado. Já na Web, com a utilização do hipertexto, o autor não determina a ordem de leitura. Dessa forma, ele precisa criar maneiras de deixar claro quais são as informações mais importantes do site e fazer com que o leitor as encontre facilmente.

Uma vez que os *links* hipertextuais tiram de certa forma o controle da leitura das mãos do autor do texto, ele ainda pode determinar a facilidade com que o usuário se move pelas páginas do *site*. A força da redação hipertextual é permitir aos leitores escolherem seus caminhos dentre uma série de alternativas, mas cabe ao autor definir essas alternativas.

O pesquisador Andrew Starling elaborou, no site Foxglove⁹ uma série de comparações e de analogias que podem ser feitas entre elementos do mundo impresso com os sites da Web. Segundo o autor, várias lições sobre como tornar seu texto apropriado para uma leitura “escaneável” podem ser tiradas de materiais impressos, como *folhetos* e *manuals*. Os folhetos têm um estilo de redação com frases que captam o olhar do leitor, sentenças diretas, curtas, e demonstram uma linguagem que aproxima o leitor do texto. Os manuais são diferentes, pois mesmo sabendo que são de leitura chata, longa e de visual não-atraente, eles tentam se quebrar em seções definidas, com muitos títulos, subtítulos e palavras-chaves.

Para Starling, o texto da Internet pode ser desenvolvido a partir da mistura entre esses dois elementos impressos, usando o estilo de redação dos folhetos (diminuindo os termos apelativos publicitários de venda e promoção) e os mecanismos de organização e divisão dos manuais.

b) O estilo jornalístico da linguagem na Web

A linguagem oferecida pelos textos *on-line* deve ser diferenciada daquela utilizada nos conteúdos distribuídos através de impressos, assim como aqueles direcionados para a televisão e rádio também o são. Preparar um conteúdo para a Web é muito diferente de prepará-lo para meios impressos.

A matéria-prima da Web é a informação e Informar é comunicar e se fazer compreender – isto é, redigir de forma simples, concisa, clara e precisa, quaisquer

⁹ Foxglove – Writing for the Web. <http://www.foxglove.co.uk/features/write.htm> (1999)

que sejam a complexidade do assunto ou o gênero da mensagem. Desta forma, a linguagem da Web aproxima-se do estilo de redação jornalística.

Em razão das dificuldades de leitura e de compreensão da informação na Web, deve-se atentar para técnicas que as facilitem (PÚBLICO, op. cit.):

- O estilo deve ser o mais simples e utilizado no sentido habitual. Preferir a frase afirmativa e o estilo direto, recusar a imprecisão e a ambigüidade.
- Manter os verbos na voz ativa e de preferência, no presente. A voz ativa traz agilidade na leitura, além de evitar a monotonia. As formas condicionais, compostas, passivas e ou negativas prejudicam e desvalorizam o estilo direto.
- Evitar adjetivação excessiva ou inadequada, ela enfraquece a qualidade e o impacto informativo do texto.
- A linguagem deve ser concisa, sem floreios. O texto deve conter palavras suficientes. Cada frase, cada palavra deve lutar para sobreviver. Às vezes escreve-se muito para dizer muito pouco... Se não fizer diferença, cortar.
- Usar sempre palavras curtas ao invés de seus sinônimos maiores: substituir todas as expressões e palavras grandes por palavras curtas e fáceis;
- As frases e parágrafos devem enunciar idéias com princípio, meio e fim;
- Evitar frases feitas e lugares-comuns, chavões e palavras de ordem; elas artificializam ou estereotipam a prosa e tornam-na menos incisiva na apresentação dos fatos e das idéias.
- Evitar metáforas elaboradas; muitas pessoas passam os “olhos no texto”, não lendo todo o conteúdo. Assim, os leitores podem pular trechos do texto e perder o fio da meada;
- Bem empregadas, as imagens e as metáforas podem dar cor e sonoridade à narrativa, uma das regras para uma comunicação fácil e atrativa. Mal utilizadas, criam, porém, uma penosa sensação de pedantismo e mau gosto.
- Evitar o estrangeirismo, termo técnico ou calão; se for possível, usar um termo corrente. Às vezes os estrangeirismos não são mais que formas de mascarar o discurso. Sendo acessível e direto, o redator se fará compreender;
- Usar sempre parágrafos e sentenças curtas. Nos parágrafos, usar no máximo 400 caracteres, o que significa 6 linhas de texto. As frases devem conter uma ou duas idéias, não mais, para facilitar a leitura. Evitar rodeios; repetições, preciosismos, redundâncias, e cacofonias que obscurecem a comunicação, reduzem-lhe a eficácia e contrariam a fluência da leitura.

- Transformar grandes parágrafos em listas com destaque; as pessoas compreendem melhor a informação dividida. Nos parágrafos mais extensos, os subtítulos servem para tornar a leitura mais fácil e aliciante.
- Organizar as frases que estiverem invertidas. A seqüência lógica de uma frase em português (sujeito-predicado-complemento) facilita a fluência e a compreensão da mensagem.
- Atentar para a credibilidade do texto. Usar sempre fontes idôneas de citação e bibliografia.
- Tentar estimular a passagem de *hyperlinks* ao final de cada tela.
- Reduzir a quantidade de texto, mas não de informação.

A clareza da mensagem obriga a selecionar, hierarquizar e sacrificar o acessório em favor do essencial. O tratamento de qualquer informação passa sempre pela escolha de um ângulo específico de abordagem: a novidade, o mais importante, característico ou original — aquilo que mais cativa o interesse do leitor (a história curta, os pormenores desconhecidos de bastidores, por exemplo).

Se um assunto comporta várias mensagens, é preferível tratá-las separadamente ao longo do texto e com recurso de subtítulos, ou, melhor ainda, repartidas por peças individualizadas. Na escolha do ângulo de abordagem prevalecerá sempre a precisão da informação: dados, números e casos concretos, idéias claras, imagens, exemplos e citações em vez de generalizações vagas e abstratas.

A simplicidade expositiva é a chave da compreensão. Clareza, objetividade e acessibilidade são as características mais importantes na linguagem oferecida pela Web. A função é tornar o texto mais acessível ao leitor, de maneira que ele possa apreender o conteúdo e avançar na leitura com maior facilidade.

5 CONCLUSÃO

O hipertexto, ao restabelecer o hábito do exercício da escrita, mostra ainda que não há contradição entre esta e a informática, pois ambas são complementares. A informática passa a ser uma tecnologia intelectual que

complementa a escrita, não ocorrendo nenhum processo de substituição ou superação. Aliás, neste espaço antropológico propício às relações humanas, a escrita passa a ser um pressuposto para o trânsito ciberespacial.

No ciberespaço, não é mais o leitor que se desloca diante do texto, mas é o texto que se desloca e se desdobra de forma diferente no contato com cada leitor, possibilitando que este não mais se coloque numa posição passiva diante de um texto estático, mas em meio a um processo dinâmico participe como sujeito de uma construção coletiva.

O texto virtual acabará com o texto escrito? O debate sempre presente ao advento de qualquer novo meio de comunicação que supõe que o novo substitui o velho. Um novo meio somente substitui o anterior quando é capaz de superá-lo, ou seja, quando é capaz de executar todas as funções do anterior ainda com alguma vantagem/praticidade, mas não quando o faz de forma totalmente diferente daquele. Assim, temos o caso da máquina de escrever e do computador, do toca-discos e do CD. Os meios posteriores passaram a executar o que os anteriores faziam, acrescentando a esses algumas vantagens. O texto virtual não substitui o texto escrito mas é, sim, um novo conceito de texto. Cada um deles tem as suas especificidades.

Lévy (1996) ressalta que a cultura do texto com o seu diferencial de distância crítica na interpretação no interior de um universo semântico de intertextualidade é levado ao imenso desenvolvimento no novo espaço de comunicação das redes digitais. Graças à digitalização o texto e a leitura recebem hoje um novo impulso.

Chartier (*apud* FERNANDES e PORTUGAL, 2004) também concorda com Lévy nessa perspectiva de que o advento da Internet e dos demais meios ampliou a própria cultura escrita. Nunca se publicou tanto quanto hoje. Na verdade, é o texto impresso que possibilita esse processo de leitura crítica do que é veiculado na internet, na televisão e na mídia de uma forma geral. Assim, longe de aniquilar o texto impresso, a virtualização amplia e aumenta as suas possibilidades. Lévy amplia bastante a noção de leitura e de escrita tradicionais destacando que com o novo suporte estamos descobrindo a leitura e a escrita, percebendo e experimentando mais de perto diferentes modos de construí-la.

A leitura na internet e no livro, bem como a leitura nos demais meios (TV, vídeo, cinema, etc.), são todas complementares entre si e fonte de enriquecimento

para os que a elas têm acesso. O empobrecimento está na falta de acesso, no uso de apenas e somente uma delas sem as demais. Todas possibilitam leituras complementares, divergentes, pontos de vista que nos farão ver/ler o mundo de variadas maneiras.

REFÊNCIAS

BABIN, P., KOULOUMDJIAN, M. F. **Os novos modos de compreender**: a geração do audiovisual e do microcomputador. São Paulo: Paulinas, 1989.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

BUSH, V. **As we may think**. 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>. Acesso em 14 maio 2004.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLARK, K., HOLQUIST, M. Introdução. In: _____, _____. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FERNANDES, A. H., PORTUGAL, C. **O texto e a leitura no mundo contemporâneo**: reflexões a partir de Pierre Lévy. Disponível em: <http://www.users.rdc.pucrio.br/imago/site/virtualidade/ensaios/hoffman.htm>. Acesso em 14 maio 2004.

FRANCO, M. A. **Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

HENRIQUES, C. C. **A volta dos hieróglifos**. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(23\)01.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(23)01.htm). Acesso em 14 maio 2004.

ISCTE. **Web Design**. Disponível em: <http://iscte.pt/Marketing/web-design/index.htm>. Acesso em 14 maio 2004.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KERCKHOVE, D. **A pele da cultura**: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

KILIAN, Crawford. **Writing for the web**. Vancouver: Self-Counsel Press, 1999.

LEWGOY, A. M. B., ARRUDA, M. P. **Da escrita linear à escrita digital: atravessamentos profissionais.** Disponível em: <http://www.pucrs.br/textos/escrita.htm>. Acesso em 14 maio 2004.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência.** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** 9 ed. São Paulo: Cultrix: 1998.

McKINLEY, T. **Do papel até a web.** São Paulo: Quark Books, 1998.

MENDES, L. **O hipertexto, texto eletrônico: as identidades discursivas na globalidade das culturas.** Disponível em: http://www.ipv.pt/millennium/17_spec1.htm. Acesso em 14 maio 2004.

MORMORKES, J., NIELSEN, J. **Concise, scannable, and objective: how to write for the web.** 1997. Disponível em: <http://www.useit.com/alertbox/9710a.html> e <http://www.useit.com/papers/webwriting/writing.html>. Acesso em 14 maio 2004.

MSN MESSENGER. **Emoticons.** Disponível em: <http://messenger.msn.com.br/Resource/Emoticons.aspx>. Acesso em 14 maio 2004.

NIELSEN, Jacob. **Projetando websites.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita.** Campinas: Papyrus, 1998.

PISCITELLI, A. Enredados. Ciudadanos de la cibercultura. In: DABAS, E., NAJMANOVICH, D. **Redes: El – lenguaje de los vínculos.** Buenos Aires: Paidós, 1995.

PÚBLICO.Pt. O Rigor da escrita. In: _____. **O Livro de Estilo.** Porto: Ed. Unipress, 1998. Disponível em: http://www.publico.pt/nos/livro_estilo/13-rigore.html. Acesso em 20 maio 2004.

RAMAL, A. C. **Ler e escrever na cultura digital.** Disponível em: http://www.instructionaldesign.com.br/artigos/Ler_e_escrever_na_cultura_digital.doc. Acesso em 14 maio 2004.

RECHDAN, M. L. A. **Dialogismo ou polifonia?** Disponível em: <http://>

www.unitau.br/prppg/publica/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf. Acesso em 14 maio 2004.

RHEINGOLD, H. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

SIQUEIRA, I. S. **Modos de ler textos pragmáticos impressos/eletrônicos, processos de compreensão e construção do conhecimento: implicações educacionais**. São Paulo: FEUSP, 2003.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ZELDMAN, Jeffrey. **Projetando websites compatíveis**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Recebido em 02/07/04. Aprovado em 18/10/04.

Title: Reading and writing in the Web

Author: Ana Cristina Lima Santos Barbosa

Abstract: This article investigates the characteristics of Web texts, which shape specific reading and writing styles. At first, a discussion is made of the articulation between communication and knowledge, spanning from oral cultures to the cyberculture. After that, the informal writing of communication mediated by computers is introduced. Finally, under the perspective of the hypertextual language of the digital medium, writing styles and reading modes of those texts on Web pages are approached. Based on such assumptions, one infers the need for reinforcing the importance of reading and writing, which have been neglected by the audiovisual culture, and demystifying the death of the book.

Keywords: reading; writing; Internet; digital culture.

Titre: Lecture et Écriture dans le Web

Auteur: Ana Cristina Lima Santos Barbosa

Résumé: Cet article fait une approche des caractéristiques du Web, qui configurent des styles propres à la lecture et à l'écriture. Tout d'abord, on discute l'articulation de la communication avec la connaissance, dès les cultures orales jusqu'à la cyberculture. Ensuite, on présente l'écriture informelle des communications moyennées par l'ordinateur. Dernièrement, on fait l'approche des styles de l'écriture et de la forme des textes dans les pages du Web, à partir du langage hypertextuel dans le domaine digital. À partir de cet exposé, un besoin s'impose, celui de rédimmer la lecture et l'écriture, négligées par la culture audiovisuelle, aussi bien que celui concernant la démystification de la mort du livre.

Mots-clés: lecture; écriture; Internet; culture digitale.

Título: Lectura y escritura en la Web

Autor: Ana Cristina Lima Santos Barbosa

Resumen: Este artículo investiga las características de los textos de la Web, que configuran estilos propios de lectura y escritura. Inicialmente, se discute la articulación de la comunicación con el conocimiento, desde las culturas orales hasta la cibercultura. A continuación, se presenta la escritura informal de las comunicaciones mediadas por ordenador. Finalmente, se abordan los estilos de escritura y forma de lectura de los textos en páginas Web, a partir del lenguaje hipertextual del medio digital. De lo dicho, se infiere la necesidad del rescate de la lectura y de la escritura -descuidados por la cultura audiovisual-, y de la desmitificación de la muerte del libro.

Palabras-clave: lectura; escritura; Internet; cultura digital.